

B
4952
24



O RECREATIVO

Publicação quinzenal

ANNO I

N. 1

RIO DE JANEIRO, 1 DE MAIO DE 1879

O RECREATIVO

Coagidos pela necessidade de engrandecer a litteratura, que neste paiz é pouco apreciada, e, levados pelo desejo de aguarar aos nossos leitores, fizemos sahir á luz o—Recreativo, jornal litterario.

Certos da nossa insufficiencia para levarmos ao cabo este projecto, que tão util seria, se entre este povo brasileiro um jornal litterario nao representasse o papel de uma victima entre os algozes, esforçar-nos-hacemos por merecer a benevolencia do pequeno numero d' pessoas que apreciação a litteratura.

O Recreativo, pois, desempenhará sua missão litteraria, sem tratar dos negocios politicos

MISCELLANEA

Uma senhora que por affectação costumava carrregar no r a ponto de desunfiar os nervos do auditorio, dizia um dia a um cavalheiro de suas relações: *As Senhoras parrienses costumão rriar approposito de qualquerr rridicudarria!*

E' vedado, minha senhoa; as faucesas são muito alegés.

— O Sr. é gago? perguntou ella leviamente desaitada; porque não pronuncia os r?

Pois se V. Ex. gasta os com tamanha prodigalidade, não há remedio se não os outros economisarem para se esgotarem de todo.

— Um medico, enfadado de que se fallsse mal da medicina em sua presença, disse: Ao menos de mim não ha um só doente que se queixe,

— Não, certamente, porque o Sr. mata todos aquelles de quem trata

Um rancho de Senhoras e homens foram passar o dia no campo; passando por um sitio appraisivel e fresco, disse um delles;

— Que bello campo de relevas para jantarmos, minhas senhoras.

Perguntando-se a um taful
Porque se ria á janella
Quando co' a febre amarella
Tudo a á uma andava azul

Respondeo: Hymnos e dôres
Ao Rei das orbes celestes
Já la me vão dez credores
Que valião por dez pestes

2—2 Este adjectivo, não é verdadeiro, para os criminosos.

1—1—1 Na musica, na musica, aperta, esta vestimenta.

2—2 Ando e desando, ando e desando, ando e desando.

A India me deo o ser 1
E achar-me-has na Bairrada 2
Sempre quero ver quem deixa
D'advinhar tal charada.

LENDA

ORIGEM DO CANNAVIAL

Princesa:
Avante meu palafrem
Que já pouco tens que andar
O cavalleiro me espera
Não me dovo demorar
La campeia o torraão
Que bello é seu campear

Avante, pagem, avante
Vai a busina tocar.

Atalaia
Quem buscais, Senhora, aqui
Que assim fazeis businar
Princesa

Cavalleiro mora aqui
Aqui deve de morar
Corre fama que estas torres
As ganhou a batalhar
Atalaia

O cavalleiro está fóra
Mas não deve de tardar
Foi ao castello d'alem
Com dama linda casar
Princesa

O' maldada princesa
O' desgraçada sem par
Que em desleal cavalleiro
Te quizeste confiar

E paços reas deixaste
Para aqui vir acabar
Palavras não erão ditas
E a princeza a ex irar
—Grão tropel— Grande alarido
E o cavalleiro a chegar
Cavalleiro

A princeza aqui sem vida
Oh! desgosto de matar
A alma teuho partida
Von de remorsos finir.

O' Senhora minha caçosa
Faz-nos ambos enterrar
Junto da borda do mar.
Palavras não eram ditas
E o cavalleiro a expirar.
Forão os dois enterrados

Com entorro de pasmar
Em sepultura sosinha
Nas praias da beira-mar.
E sobre a campa chorou
A viaxa, a bom chorar.
Das cinzas assim regadas
Cannas se virão brotar,
D pois tristas ais soarão
Com seu triste balouçar.
E o amor atraçoado,
E o desgosto d' matar.
O cannavial solitario
Ficou sempre a memorar.

MARIA PEREGRINA DE SOUZA

VARIÉDADES

O MILHARUC

NOVELLA POR E. MAIS BERTHET

N'um dos bellos dias do inverno passado eu pas-
sava em Paris, no jardim das planias.

A neve cobria a terra e as arvores com seus
ramos polvilhados, assemelhavam-se aos pequenos
senhores da realeza. Poucos passeantes se viao
nas vastas alamedas.

Caminhava casualmente por um dos mais afas-
tados logares do jardim, quando uma scena infantil
atrahia a minha attenção. Um menino de trezo a
quatorz annos, p'feitamente trajado, tinha vultu-
rido a neve de um pequeno espaço e divirtia-se em
atizar migalhas de pão aos passaros da sua visi-
nhança.

FOLHETIM

IRMÃO E IRMÃ

POR PEDRO ZACCONE

CAPITULO I

Nos primeiros dias do mez de Dezembro de 1830,
dois homens a cavallo subião um atraz do outro, o
cume escarpado de uma das montanhas mais altas
da Dalecarlia.

Serião sete horas da noite. Todo o paiz estava
envolvido em uma obscuridade, esclarecida só-
mente por uma d'essas auroras boreaes, tão fre-
quentes nas regiões polares; e aiada que a estrada
que seguião tivesse sido aberta nos rochedos, á
beira d' um precipício de uma terrivel profundi-
dade, os dois viajantes confiados no instinto de
seus cavallos não tomavão sentido nos accidentes
do caminho, nem nas trevas em que estavam en-
volvidos.

O primeiro era baixo e de uma corpulencia pouco

desenvolvida, mas singularmente robusta. Trazia
o vestuario dos fidalgos suecos e debaixo da ca a
que lhe cahia dos hombros e cobria a guarda de
seu cavallo; via-se brilhar a bainha da sua espada.

Podia ter trinta annos e chamava-se Eric
Gundmaud.

O segundo, um pobre diabo, mal vestido, era
creado do primeiro, contava 50 annos e chamava-
se Peterson. Afinal chegaram ao cume da mon-
tanha que subiam, havia uma hora.

Eric pareceu então sahir da sua longa distração
e contemplou a paisagem que o rodeava: depois
como se buscasse invocar fugitivas lembranças,
voltou-se para Peterson dizendo:

— Se não me engano, não devemos estar muito
longe de Mora.

— E' verdade, senhor, respondeu Peterson, e
se o desejais, ahí chegaremos antes de amanhecer.

— Que aldêa é aquella que vemos no extremo
do bosque.

— E' a aldêa dos Incendiarios.

— Não me ricordo d'ella.

Um criado velho, de libré, parecia vigiá-lo e levava o capote que o menino usava para não assustar seus protegidos.

Protegidos. Encantadores passaros chegavam a esse banquete. Os paradas tão comilões disputavam entre si os maiores pedaços; os pinta-rosos chegavam depois dos outros para tomarem parte na festa, os melharucos chegavam também e levavam suas migalhas; e todos elles cantavam e chilravão cheios de prazer, como para agradecerem ao seu bemfeitor.

O menino observava com viva expressão de alegria esses deliciosas razeres dos passarinhos; acompanhava com os olhos aquelles que lhe pareciam mais francos e que não tinham apamado as migalhas; então lhes atirava, sem os assustar e sorria-se com simplicidade quando elles se tinham podido subtrahir á voracidade dos mais fortes e mais ensados.

Approximava-se por minha vez e dividi com os pobres e famintos um bolo que havia comprado. O menino agradeceu-me com um olhar affectuoso.

— Estas desgraçadas creaturas, disse-me elle, não achão o que comar sobre esta terra coberta de neve; é mister ternos a lado d'ellas.

— Amis então os passaros lhe perguntai eu.

— Oh! sim, respondeu-me, desviando os olhos como para escaudar uma lagrima, sobretudo os melharucos.

— Isso não admira, e mhor, ha tres annos que não visados a Dalecarlia n'essa e oca ainda esta povoação não existia.

— São mineiros os que a habitam?

— Sim, senhor.

— Homens de confiança, não é assim?

— E dedicados.

— Penseis que elles serão capazes de nos trahir.

— Ha duas razões para isto senhor... a primeira é que não nos conhecem... a segunda é que aborrecem os dinamarquezos.

— Muito bem; ahí passaremos a noite.

Peterson não esperou mais e dirigiu-se para a aldeã dos Incendiarios.

Os dalecarlianos não são muito hospitaleiros. Foi com muita difficuldade que Peterson arranhou uma casinha suja, que tinha uma só cama.

Apenas entrou Eric, examinou-a com uma vela de resina e chegando á cama fez signal a Peterson que se approximasse.

Compreendi que havia n'essa alliação alguma dolorosa historia e não ousei interrogalo mais; entretanto parecia-me muito interessante conhecer o segredo do menino, em quem achava tanta candura e poesia.

Não vos disse porque meos cheguei a excitar sua confiança e como consegui que me contasse a historia que eu desijava saber, sem comtanto atrever-me a perguntar-lhe; mas elle consultou baixinho ao velho criado que parecia o Mentor e disse-me com uma voz agradável e melancolica, enquanto passeavamos devagarinho or uma das alamedas desertas.

— Sim senhor, eu gosto desses lindos passaros dos campos, porque recordão-me bem ternas e caras lembranças... amo-os não como os outros, prendendo-os n'uma gaiola e privando-os do ar e da liberdade da qual gozavam por vontade de Deus; mas protejendo a sua debil existencia que não rejudica a ninguem, porque elles são um encanto para todos.

Estas palavras tão simples e comtanto tão discretas, pronunciadas por um menino me espantaro. Mas lembrei-me que ha agudezas precoces, nascidas dos soffrimentos e sem duvida era essa a do meu amiguinho. Continuou suspirando:

— Eu tinha uma irmã, mais moça um anno, que já pensava como eu. Pobre Nininha! Chorou uma

Peterson, lhe disse, não dormirei aqui.

O criado abriu os olhos quanto pôde.

— Entr'tanto é esta a terceira noite que passais sem repousar.

— Tens razão, mas a febre me tem despertado e não poderei dormir... Deita-te n'esta cama.

— Eu! exclamou o criado espantado por esta hora.

— Tens necessidade de repouso, meu amigo.

— Mas não ousarei dormir na vossa presença, senhor.

Um sorriso assomou aos labios de Eric.

— E' por isso que te ouvi continuamente ressonar sobre o pescoco do cavallo.

— E' possível?

— Pela manhã te acordarei cedo.

— Mas tu não poderei...

— Dorme, ou t'o repito... e boa noite.

Continha (Continuo).

vez que vio uma borboleta soffrendo! Era tão boa, tão agradável, tão timorata! . . . pobre Nininha;

Lancei os olhos para o traje negro do menino e comprehendi porque chorava.

— No estio passado, continuou, eu estava no campo com Nininha. Um dia passeavamos no pateo e brincava-mos alegres quando o grito rouco de um gavião se fez ouvir por detraz de uma moita vizinha. Nininha teve medo e quiz fugir; mas eu a detive e approximamo-nos da moita para tirarmos da garra do vilão a presa que havia arre-cadado.

Affastamos os ramos de uma avelleira e vimos um pobre ninho que o gavião tinha roubado. Os pequenos tinham sido devorados; um só estava ainda vivo no meio dos restos sanguinolentos de seus irmãos; a mãe tinha morrido e restava este, o mais pequeno d' todos.

Nininha tomou-o delicadamente.

— Pobresinho! disse ella, não tem mais mãe nem irmãos e talvez o malvado gavião volte. Se te abandonamos, morrerás de fome, ou serás devorado . . .

— Está bem, disse eu, é preciso guardal-o; quando tornar-se forte e puder procurar alimento, dar-lhe-hemos a liberdade.

(Continua).

Uma historia de amores

POR CARLOS A. C. BURLAMAQUI

Era uma tarde de Fevereiro. Eu estava na janella com Alice, moça de 20 annos, amiga de minha irmã. Ella conversava commigo alegremente, mas via-se que aquella alegria era simulada. Havia dois annos que não nos viamos e durante este tempo quanto não havia ella soffrido!

Ella era gorda e corada; agora estava magra e de uma pallidez cadavérica. Mas estas mudanças não lhe alteravão a belleza. Gozavamos da tarde, vendo os transeuntes. Um moço que representava ter uns 25 annos, passou pela nossa frente.

Alice elhou-o fixamente e deu um ah! profundo e agudo. Cambaleou e cahiria se eu não a amparasse nos braços.

Estava desmaiada!!!

Tendo tornado a si, cahia em uma tristeza profunda.

Eu achava-me perto della e seguia todos os seus movimentos. De repente olhou para mim e disse:

— E' muito meu amigo; não é?

— Dividas ainda, Alice!

— Pois bem! Vou te contar uma historia, ou antes um segredo que jámais contei a alguém. Olha; isto só deve ser guardado até a minha morte. Antes disso não contes a ninguém.

— Descanee, Alice, que saberei cumprir um juramento.

— Pedro era um amigo intimo de meu pai. Um dia, em que estavamos todos na sala, entrou Pedro com um moço de 25 annos. Dirigiu-se a meu pai e apresentou-o pelo nome de Ricardo de V.. Elle conversou muito: a sua linguagem era delicada e mostrava ter uma boa educação. D'esse esse dia frequentou a casa muitas vezes. Um dia em que meu pai sahira, veio elle á nossa casa e ficamos eu e elle sós na sala, por que minha mãe estava incommodada. Depois de uma animada conversação declarou elle que me amava.

N'este ponto da sua narração levou Alice, o lenço aos olhos para enxugar as lagrimas. Os soluços embargavão-lhe a voz.

— Oh! não podes mais contar esta historia! guarda-a e conta-na em outro dia.

— Não: é necessario que saibas ella hoje. Fez um esforço supremo para conter as lagrimas, e continuou:

— Ante aquella declaração de amor fiquei confusa e coroi: Foi quando soube o que era amar e ameio-o tambem.

(Continua).

EXPEDIENTE

As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia onde tambem se recebe as-signaturas a \$60 rs. mensaes

Typ. — LOBÃO, — Rua do Hospicio n. 147